

Política

Comissões da Verdade
Colegiados se multiplicam
no País, mas pouco revelam
Págs. A12 e A13

Sucessão 2014. Atual presidente do partido, Rui Falcão deve ser reconduzido ao cargo para lidar com o desafio de elaborar um novo programa que dialogue com a chamada nova classe média; filiados vão escolher também novos comandos estaduais e municipais

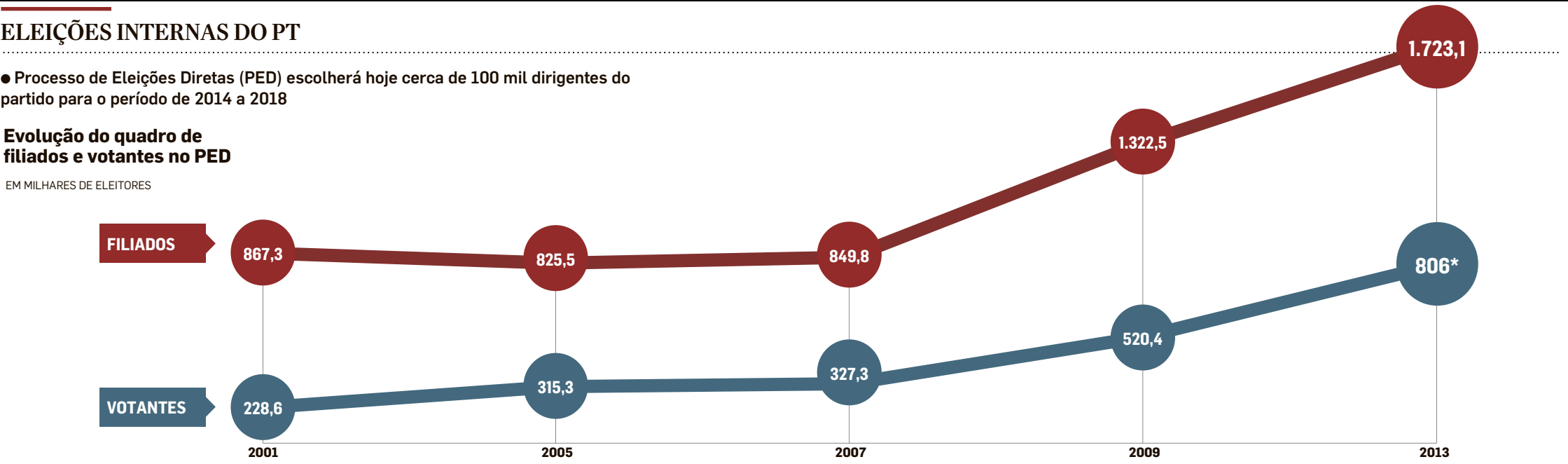
Petistas vão hoje às urnas pressionados a renovar discurso para reeleição de Dilma

ELEIÇÕES INTERNAS DO PT

● Processo de Eleições Diretas (PED) escolherá hoje cerca de 100 mil dirigentes do partido para o período de 2014 a 2018

Evolução do quadro de filiados e votantes no PED

EM MILHARES DE ELEITORES



Os presidentes do PT na era do PED

 2001 (eleito) Quando o PT realizou a primeira eleição direta, José Dirceu presidia a legenda desde 1995. Era o favorito e venceu no 1º turno. Dirceu ocupou a função até o ano seguinte, quando se licenciou para participar do governo Lula, recém-eleito presidente	 2003 (herdou o cargo) José Genoíno substituiu José Dirceu, que saiu do cargo para assumir a Casa Civil da Presidência. Genoíno comandou o partido nos dois primeiros anos de Lula na Presidência da República. A cúpula do PT decidiu adiar as eleições internas para 2005	 2005 (interino) Em meio ao escândalo do mensalão, Genoíno renunciou ao cargo e Tarso Genro assumiu como interino. Ele, porém, desistiu da disputa dias antes da realização do PED. Lula apoiou Ricardo Berzoini para o posto. Berzoini ganhou a eleição no 2º turno	 2007 (reeleito) Ricardo Berzoini foi reeleito presidente nacional do PT. Dois meses antes das eleições, mais de 5.200 filiações ficaram sob suspeita somente na cidade de São Paulo, pois haviam sido entregues fora do prazo permitido pelo partido	 2009 (eleito) O ex-senador José Eduardo Dutra, apoiado por Lula e Dilma, venceu a disputa pela cadeira de presidente do PT. Quatro anos após ter sua cúpula dizimada pelo escândalo do mensalão, o antigo Campo Majoritário petista consegue se reerguer na eleição	 2011 (herdou o cargo) Dutra adoeceu e renunciou ao cargo. Lula tentou convencer o líder do PT no Senado, Humberto Costa (PE), a assumir o comando do partido, mas não houve consenso. O deputado estadual Rui Falcão (SP), um dos coordenadores da campanha de Dilma em 2010, assumiu o posto
---	---	---	--	--	--

*FILIAÇOS APTOS A VOTAR
FONTE: SECRETARIA NACIONAL DE ORGANIZAO DO PT

INFOGRFICO/ESTADÃO

Vera Rosa / BRASÍLIA

O PT realiza hoje suas eleições internas e dá aquele que é considerado o primeiro passo para preparar a campanha à reeleição de Dilma Rousseff ao Palácio do Planalto, em 2014. O atual presidente do partido, Rui Falcão, deverá ser reconduzido ao cargo pelos votos dos filiados. O desafio do partido, segundo ministros do governo, será elaborar a partir de agora um programa que vá além do discurso de combate à miséria, que garantiu duas vitórias a Luiz Inácio Lula da Silva e a eleição de sua sucessora. A meta é criar uma nova agenda, que dialogue diretamente com a chamada nova classe média.

Em conversas reservadas, ministros do governo e dirigentes do PT afirmam que os 11 anos no Palácio do Planalto obrigam o partido a se renovar e a apresentar plataformas que “não olhem só pelo retrovisor” nem representem a mera continuidade de conquistas dos governos Lula e Dilma.

Depois do discurso da superação da miséria, a ideia é contemplar a nova classe emergente não só pelo lado do consumo, mas fortalecendo políticas públicas em educação, saúde, transporte e segurança. A cúpula do PT tem certeza de que essa retórica será “turbinada” por possíveis rivais de Dilma em 2014, como o senador Aécio Neves (PSDB) e a dupla Eduardo Campos-Marina Silva (PSB).

Na prática, porém, não há até agora uma marca forte para Dilma chamar de sua. O lançamento do programa Mais Médicos, criado para levar atendimento a população de áreas distantes do País, é uma resposta à área da saúde, mas ainda não dialoga diretamente com a classe C e os próprios petistas dizem que não pode ser uma ação isolada.

Esse deverá ser um dos temas centrais do 5.º Congresso do PT, encontro em Brasília previsto para meados de dezembro em que integrantes do partido vão discutir questões de fundo, como a vocação “socialista” da

A pedido de Lula, presidente decidiu participar do PED

● A presidente Dilma Rousseff vai votar hoje no Processo de Eleição Direta (PED) do PT que escolherá o comando do partido para o período de 2014 até 2018. Dilma foi convencida a participar do processo pelo antecessor, o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva.

Embora seja filiada ao PT desde 2001, Dilma não integra nenhuma corrente partidária e mantém distância regulamentar dos dirigentes da legenda.

legenda, algo que petistas moderados querem ver transformada em ideário “social-democrata”.

A eleição interna do PT – que escolherá, além da direção nacional, as direções estaduais e municipais em todo o País – também é um momento em que os integrantes da cúpula aproveitam para fazer críticas aos aliados e cobrar mais espaço no governo.

O receio declarado dos petistas é que a presidente fique refém de pressões dos aliados de “centro-direita” em eventual segundo mandato e, com esse diagnóstico, pretendem disputar os rumos da gestão. Apesar de ver a parceria com PMDB, PR, PP e

À espera. PT organizará campanha de Dilma após eleição interna



FERNANDO CALZANZ/PHOTOPRESS-12/8/2013

A Executiva Nacional do PT sempre reclamou da falta de proximidade com a presidente. Dos 21 integrantes da cúpula petista, Dilma só conversa com o presidente do partido, deputado estadual Rui Falcão (SP), que será o coordenador-geral de sua campanha à reeleição.

No Rio Grande do Sul, onde construiu sua trajetória política, a presidente tem amigos na tendência Democracia Socialista, que também abriga o secretário do Tesouro, Arno Augustin.

Dilma votará na sede do Diretório Nacional do PT, em Brasília, e Lula, em São Bernardo do Campo (SP). Os dois apóiam a reeleição de Rui Falcão. / V.R.

PTB como um “mal necessário”, a dividida corrente Construindo um Novo Brasil (CNB), majoritária no PT, também engrossa o coro por mais poder na coligação de apoio a Dilma. Atualmente, o PMDB comanda cinco dos 39 ministérios e chegou a sugerir a redução do número de pastas para provocar os petistas, que controlam 18.

Desafiantes. Cinco candidatos à presidência do PT desafiam Falcão, defensor da atual política de alianças. Nenhum tem chance de desbancá-lo. Concorrem contra o atual presidente da sigla os deputados Paulo Teixeira (Mensagem ao Partido) e Renato Simões (Militância Socialista), além dos dirigentes Valter Pomar (Articulação de Esquerda), Markus Sokol (O Trabalho) e Serge Goulart (Esquerda Marxista). Dos cerca de 1,7 milhão de filiados, 806 mil têm direito a voto.

O impacto

da eleição no PT na reforma ministerial, na campanha de Dilma e na formação dos palanques também dependerá do resultado da disputa nos Estados e do peso que ganhará cada grupo. No Maranhão, por exemplo, a maioria do PT quer se descolar da família Sarney, embora Lula defenda aliança com o candidato escolhido pelo senador peemedebista.

O confronto se repete no Rio de Janeiro, onde o PT defende a candidatura do senador Lindbergh Farias e Lula tenta contornar a situação para não irritar o governador Sérgio Cabral (PMDB), que ameaça retirar o apoio a Dilma caso os petistas não avalizem a campanha de seu afilhado, Luiz Fernando Pezão.

À sombra. Conhecido como “PED”, o Processo de Eleição Direta no PT vai escolher cerca de 100 mil dirigentes do partido em todo o País para o período de 2014 a 2018, mas pode ser o último nesse modelo. Denúncias de filiação em massa e abuso do poder econômico marcaram os debates entre os candidatos ao comando do PT em âmbito nacional, estadual e municipal na mesma proporção que as críticas à “privatização” do pré-sal, ao “conservadorismo” do governo Dilma e à falta de interlocução com a presidente.

“Não podemos agir como se fôssemos oposição”, diz Falcão. “Aspiramos que o segundo governo da presidente Dilma seja mais realizador e com mudanças mais profundas do que já tivemos nesses dois governos do PT.”

Para Renato Simões, secretário de Movimentos Populares, o PT não pode viver à sombra do Planalto. “Por que temos de ser um partido amorfo? Quando há um impasse com o governo, o PT desaparece. Não dá para ser assim.”

Para o secretário-geral do PT, Paulo Teixeira, o maior desafio é conseguir mobilizar a população em torno da reforma política. “Além disso, precisamos fazer um adensamento à esquerda no nosso programa e nas nossas alianças”, afirma.

● **Fases**
Caso um candidato à direção petista não obtenha a maioria dos votos hoje, o partido realizará um 2º turno de suas eleições internas. Essa fase complementar ocorrerá no dia 24 de novembro.

* ANÁLISE: Caio Junqueira

Um partido mais coeso, homogêneo e menos crítico

A sombra dos dez anos da era petista no governo federal é o principal componente da morna eleição do PT que ocorre hoje.

O grupo que comandou o partido desde sempre será mantido no comando. Ele tem no ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva e no ex-ministro José Dirceu seus maiores ídolos. Foi responsável por sua chegada e manutenção no poder desde 2003 e também pela sua maior crise, o escândalo do mensalão. Mas essa hegemonia agora terá um diferencial: uma oposição interna completamente esvaziada.

A corrente Mensagem ao Partido, da qual fazem parte o governador do Rio Grande do Sul, Tarso Genro, e o ministro da Justiça, José Eduardo Cardozo, tentou se estruturar como voz interna contrária à cúpula. No auge do escândalo, chegou a propor a refundação da sigla. Mas desde então só perdeu espaço e influência. Teve nesse processo grande parcela de culpa.

O discurso que a diferenciava do antigo Campo Majoritário, permeado pela leitura crítica do escândalo do mensalão e pelos ataques à aliança preferencial com o PMDB, se esvaiu diante do pragmatismo eleitoral que dominou a legenda como um todo.

Assim, o partido que sai hoje das urnas é mais coeso e homogêneo e, portanto, menos crítico.

O tradicional embate entre as correntes internas foi superado, tanto quanto as diferenças entre essas correntes. A principal razão é que o PT que conduziu o partido vislumbrou na sustentação do PT que governa o País o seu, se não único, principal fim. Para tanto, encontrou respaldo em uma militância inebriada pelos anos no poder, do qual usufruiu com espaços muito bem distribuídos que colaboraram para anular qualquer formação de massa crítica. Nesse sentido, só interessa ao partido o que interessa ao governo. É muito pragmático e pouco programático.